



dezFACES

Belo Horizonte
março
2007



詩^{shi}
信^{xin}
生^{sheng}

Álvaro Andrade Garcia

messias de 1 homem só

Não espere encontrar aqui consonância ou direção, e sim um conjunto de vozes díspares, que vai das minhas súplicas mais íntimas aos hinos de guerra, entoados em toda parte.

Captar as emanções da vida, vista de frente, e também pelo avesso. Energizar e retransmitir o axé, esse é o gol.

Axé.

“Em ngô, a força invisível, a força mágico-sagrada de toda divindade, de todo ser animado, de toda coisa.

O princípio que torna possível o processo vital.

Como toda força, o axé é transmissível; é conduzido por meios materiais e simbólicos, e é acumulável.

Mas esta força não aparece espontaneamente: deve ser transmitida.”

Juarez Tadeu de Paula Xavier
 Valores Universais da Tradição Iorubá
www.peiropolis.org.br

Belo Horizonte, março de 2007

Coordenação geral

Camilo Lara e Marcelo Dolabela.

Núcleos editoriais

Adriana Versiani, Álvaro Andrade Garcia Et Luciana Tonelli, Ana Caetano, Camilo Lara, Carlos Augusto Novais, Marcelo Dolabela, Rogério Barbosa da Silva e Vera Casa Nova.

Editor deste número

Álvaro Andrade Garcia.

Revisão Rogério Barbosa da Silva.

Foto capa_ Felipe, que batalhou pra nascer.

Projeto gráfico, capa e formatação

Glória Campos e Clô Paoliello/
Mangá Ilustração e Design Gráfico.

Tiragem 1.000 exemplares

Impresso na *Gráfica Editora Jornal do Comércio.*

Contato

Rua Grão Mogol, 333 – loja 31
 Carmo-Sion – 30310-010
 Belo Horizonte – MG

Camilo Lara

camilara@uol.com.br

Marcelo Dolabela

mdolabela@hotmail.com

Álvaro Andrade Garcia nasceu em Belo Horizonte, em 1961. É escritor e diretor de produções audiovisuais e multimídia. Tem publicados 9 livros de poesia e 2 de prosa. Escreveu crônicas e ensaios para imprensa. Criou e produziu videopoemas, videocrônicas, web documentários e portais na internet. Toda sua produção está disponível no site www.ciclope.art.br, dedicado à *poiesis* e à imaginação digital, no ar desde 2002.

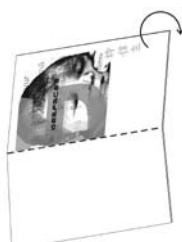
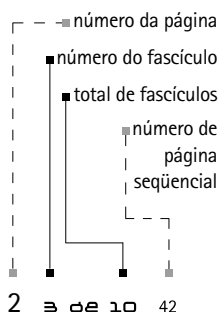
entenda o encarte
entenda o encarte

Para montar o encarte

1. retire as três folhas centrais do jornal;

2. dobre-as ao meio; e

3. dobre-as ao meio.



Ânima Yin

quero a loucura
da que ama

sem amarra
no coração

eu quero

o perfume
que exala

a flor
aberta

totalmente

quero a muda
passo de colibri

inesperada
instável

quero estado

absoluto
vulnerável

o amor
o prazer
e a dor

Terra Brasília

uma terra de bárbaros
ao sul

uma *wasteland* II

a confluência de povos
desgarrados

o resultado
de um massacre

num amplo lugar

a terra de desterro
e chacina

o marco geográfico
da morte

e a fábula de uma ocupação
amistosa

Éramos

sou um ocidental
produto do índio português

que veio à origem

e nos chamou do que era
sem saber quem éramos

sou um produto da matéria sexual
que serve à propagação

da idéia indoeuropéia

sou a fronteira
entre o leste e o oeste

estou no meio da tempestade

entre a rocha e a onda
o marisco

venho do resto

portugal é o resto

de uma diáspora mal sucedida

de um movimento
que partiu rumo às índias

e aportou aqui

e disse índios
os que éramos

e acabaram ficando

e seu trabalho foi
fundar uma zona

uma rodovia qualquer
que resolveram fazer

para pilhar a terra

ah! eu vivo aqui
faço parte do butim

em minas bósnia
são paulo bagdá
no rio haiti

Messias de 1 Homem Só

desencaixotado

rebelde de causa

um pensativo inveterado

um fracasso meditatório

uma espécie de silêncio

maldito até em casa

que já faz tempo

fala com cafundó

atalho de

notícia & pessoa

fogo & fadiga

afluxo de alegria

o pão da poesia

meu defeito de fabricação

meu sestro

meu verso

e minha alegria



'eu sou o cara
eu estava lá'

eu sou a voz
que ousa

eu sou a vez
da dúvida

e duvido da morte
e duvido da dor

e não sei onde acabo
nem onde estou

perdoado & contente

'eu sou o cara
eu estava lá'

ensandecido
destermiado

estado de alma

um poema imprenso

os perigos
e as idéias incontroláveis

livre, indébito

começo de tudo
fim de nada

Uma Orgia para Ela

senhora de tudo
soando como pássaro

sem hora para nada
comendo e sendo comida

Dramática Portuguesa

éres una bailarina guapa
una eroína de los quinos japas

éres una sabedoria
de amarillo e noche

como en españa te quis
un dia

Maior Sou Eu

a montanha
diante de nós

o meio é uma fenda
de mulher

os animais copulam

intensamente

chove penso

o mundo é tão bom
que não quero acabá-lo

o lago está imóvel
um cálice derrama o céu

a terra

a terra é breu

é breu

Lapinha, Cipó MG

Minas Bósnia

o medo é o pior dos humores

é o resultado
ou a guerra em curso

em minas bósnia
tudo é ruína
e nem mais construção

não sou criminoso
mas vivo atrás de grades

e caminho amedrontado pelas ruas

como deixamos piorar este lugar?

habitado

pela falta de respeito
pelas cicatrizes

em todo lugar
não posso parar
de ver

não suporto mais o cheiro
a cara de posto de gasolina

não suporto mais
as explosões

sem as bombas

em toda parte os sinais
em toda parte a guerra

em toda parte a propaganda
os outdoors

escondendo este lugar
sem mar

e cheio de montanhas
e buracos e pessoas amedrontadas

queimando a floresta
ressentindo

em minas bósnia
sou também um refugiado

indiferente insano

caminhando através
do povo faminto

o povo dócil e violento

escravo dos impérios
desde quando
esta terra foi ocupada

uma guerra cruel em curso
ou o resultado

nesses vales entre montanhas
sou também um refugiado

Proibido

*hinos de guerra
ecoam nos morros*

*pau na buceta
tiro na cara*

*desfecho
e arrombamento*

*tudo é direto
como a fatalidade*

*arrebento de
sexo & morte*

Pro



ô ô ô
como a cachorrinha

ô ô ô
como a cachorrinha

na moral

ferro no pau
arrocho no cu

u u u

bestial
sem dó

na moral

ô ô ô
como a cadelinha

a bacana da pista
com sardinhas

ô ô ô
como a cachorrinha

(falas do personagem inédito Urutu Tantã)

9

!

U

.

passa o rodo
sem vacilo

senta o dedo
arrocha o berro

que ele perdeu, perdeu!

safado

vamo'
rapaziada

deixa estirado aí
que esse já foi

larga o estrebucho

pros samangos acharem
que foi coisa de alemão

tretô comigo

perdeu

passô de bobera
foi

fui



Liberdade aprende

O Tronco Negro do Faraó

"Manoel Torre, que não sabia ler nem escrever - o homem, sem embargo, com a maior cultura no sangue, como dizia Garcia Lorca - , tinha sua própria filosofia sobre o canto."

Em uma ocasião ele disse a um que cantava:

"Tu tens voz, tu sabes os estilos, mas não triunfarás nunca, por que tu não tens o duende. E no canto jondo há sempre que buscá-lo, até encontrá-lo, é o tronco negro do faraó."

Garcia Lorca em pessoa nos descreve:

"Então a Ninha de los Peines se levantou como uma louca, tronchada como uma chorona medieval e bebeu de um trago um grande vaso de cazalla, como fogo, e se sentou a cantar sem voz, sem alento..., com a garganta abrasada, mas... com duende.

Havia logrado matar todo o andamento da canção para dar vez a um duende furioso e abrasador, amigo dos ventos carregados de areia...

A Ninha de los Peines teve que desbarrar sua voz, por que sabia que a estavam ouvindo gente 'esquisita', que não pedia formas, e sim tutano de formas...

E ela teve que se empobrecer de faculdades e seguranças, é dizer, teve que afastar sua musa e quedar-se desamparada...

E como cantou! Sua voz já não julgava, sua voz era um jorro de sangue, digna por seu trabalho e sinceridade..."



"Sordera de Jerez, um cigano que canta como os anjos...
nos diz que o duende é uma coisa que se leva dentro.

'Eso no lo conoce nadie, eso tiene que nasé de la persona..'

E se pode cantar sem que isso lhe ocorra?

'Hombre, claro que canto sin que me ocurra eso', não tenho
remédio além de cantar, pois canto...

mas quando me sinto a gosto, se me saltam as lágrimas
cantando, por que ponho o coração... aí não penso se estou
bem ou se estou mal,

canto ao meu ar, ao que me sai.*

*Tradução livre de
trechos de *El Cante
Flamenco*, Ángel Álvarez
Caballero, Alianza
Editorial, Madrid, 1994

Poesia Fractal

uns partem outros nunca

permanecem no silêncio

ao limite do infinito

na desordem que tece

a franja de pontos

nós da mortalha

o senso das fronteiras

em vida inteira

o inexato encosto

de vires e voltas

entorno de ordem e caos

eterno retorno

dois mares que se atacam

nunca e sempre vazantes

indo e vindo

uns partem outros nunca

ficam na morte em vida

ao topo das lógicas

sem senso, sentido

o absurdo entrevisto

em laço refeito

o certo que não se palpa

errante

com o entendimento

sem rumo

mas que se vê com olhos

oculto

que não números ao infinito

sepulto

em cinza, interferências reprocessadas de Chico Marinho

no fear so desire

Anotações para
'O Buda Ocidental'

Incentivo à
Cultura
Belo Horizonte
Lei Municipal 6498/93

CULTURA
FUNDAÇÃO MUNICIPAL



PREFEITURA BH
TRABALHO PELA VIDA

Realizado com os benefícios da
Lei Municipal de Incentivo à Cultura de Belo Horizonte